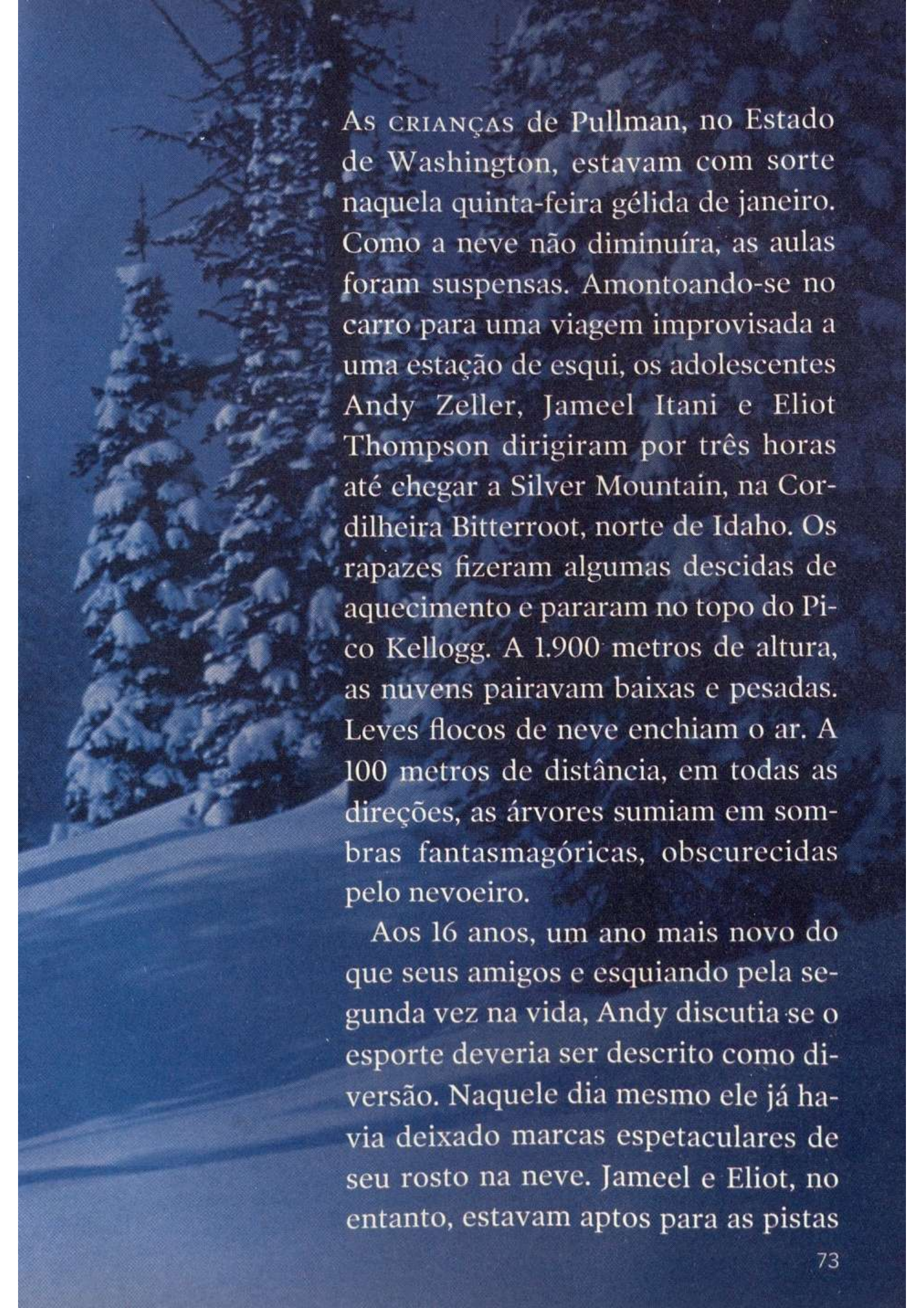


Uma brincadeira cruel levou
o esquiador a momentos de

TERROR NA NEVE

POR BRETT NUNN



AS CRIANÇAS de Pullman, no Estado de Washington, estavam com sorte naquela quinta-feira gélida de janeiro. Como a neve não diminuía, as aulas foram suspensas. Amontoando-se no carro para uma viagem improvisada a uma estação de esqui, os adolescentes Andy Zeller, Jameel Itani e Eliot Thompson dirigiram por três horas até chegar a Silver Mountain, na Cordilheira Bitterroot, norte de Idaho. Os rapazes fizeram algumas descidas de aquecimento e pararam no topo do Pico Kellogg. A 1.900 metros de altura, as nuvens pairavam baixas e pesadas. Leves flocos de neve enchiam o ar. A 100 metros de distância, em todas as direções, as árvores sumiam em sombras fantasmagóricas, obscurecidas pelo nevoeiro.

Aos 16 anos, um ano mais novo do que seus amigos e esquiando pela segunda vez na vida, Andy discutia se o esporte deveria ser descrito como diversão. Naquele dia mesmo ele já havia deixado marcas espetaculares de seu rosto na neve. Jameel e Eliot, no entanto, estavam aptos para as pistas

de neve dura. Andy precisava da pista de iniciantes. “É só seguir as placas”, disse-lhe Jameel. “Encontramos você lá embaixo.”

Tudo bem, posso fazer isso, pensou Andy. Logo avistou uma placa. Dizia: “Descida Fácil para Iniciantes”. Uma seta apontava a direção. Mas essa pista era, na verdade, um dos decli-

Andy dormia e acordava. E ele sonhou que

ves mais difíceis e íngremes da montanha. Ventos fortes ou talvez uma brincadeira de mau gosto – alguém poderia ter virado a placa para que a seta indicasse o caminho errado – levaram Andy para o perigo.

Começando a primeira descida, ele tentou se concentrar e acabou esquiando para dentro de um bosque. *Que estranho*, pensou. Uma mata no meio de uma pista de esqui? Olhou em volta. Não havia outros esquiadores, apenas a floresta coberta de neve. A sensação de náusea surgiu-lhe na boca do estômago.

Virou-se e tentou voltar pelo mesmo caminho, mas afundava na neve até o pescoço, às vezes cobrindo até a cabeça. Sentia-se como se estivesse se afogando, lutando contra a maré forte. Seguindo ainda em direção ao topo, tirou os esquis. Na trilha de gelo, porém, as botas de esqui, de plástico, pareciam patins descontrolados. Andy começou a entrar em pânico.

Calma, disse a si mesmo. O frio entrava por suas roupas úmidas. Estava vestindo apenas lã e algodão, uma jaqueta de náilon e calça de es-

quiar. Roupas que seriam ótimas para uma tarde de esqui, mas pura loucura para algo mais demorado.

Jameel e Eliot, enquanto isso, aguardavam o amigo. Esperavam encontrá-lo na fila do teleférico ou perambulando perto do hotel. Das cadeiras do teleférico, observavam as pistas. Quando o serviço encerrou às

16h30 e ainda não havia sinal de Andy, os rapazes, alarmados, informaram as autoridades sobre seu desaparecimento.

ANDY COMEÇOU a recordar algumas lições de seus anos como escoteiro. Tinha de haver um córrego no fundo da bacia. Ele o seguiria até a estrada mais próxima. Uma hora ou mais se passou enquanto ele abria caminho em meio à neve funda e à mata cerrada. Quando a luz do dia diminuiu, escolheu um pequeno bosque como abrigo. Ficou feliz de ter trazido o canivete. Cortou alguns ramos das árvores de vegetação perene e os arrumou como cama. Acomodou-se e puxou mais ramos sobre si, como um cobertor. A noite caiu.

Quando a temperatura chegou em torno de 10 graus negativos, as roupas de Andy endureceram e congelaram. Tiritando na escuridão, ele começou a perder a esperança. E

pensou: *É o fim! Vou morrer.* Com as mãos dormentes, encontrou um pedaço de papel e um lápis em um dos bolsos e rabiscou uma mensagem: “A quem quer que me encontre, meu nome é Andrew Jeffrey Zeller. Tenho 16 anos. ... Aos meus pais Jeff e Eileen Zeller, eu os amo muito. Sou muito grato por ter tido vocês como pais. Digam a meu irmão Jake que o amo também. Com amor, Andy.”

caçava coelhos

Naquela noite de quinta-feira, a patrulha

de esquiadores nada encontrou. Os pais de Andy foram avisados e, antes do amanhecer de sexta-feira, dirigiram-se a Silver Mountain com Jake, 12 anos. Eles haviam reunido algumas roupas de Andy ainda com seu cheiro nelas, acreditando que isso ajudaria os cães farejadores. Jeffrey Zeller dizia à mulher: “Andy é um menino sensato. Ele vai se sair bem.” Eileen se esforçava para afastar seus piores temores.

Por volta das 6 horas de sexta-feira, uma equipe de voluntários se reuniu na montanha. Seu palpite mais otimista era que Andy teria caído num buraco na neve por trás das árvores. Podia estar machucado e impossibilitado de se mover, ou apenas preso. Os boletins sobre o tempo anunciavam outra tempestade. A Patrulha Aérea Civil não podia fazer uma busca porque todos os helicópteros estavam impedidos de levantar

vôo. A única esperança de encontrar Andy, portanto, era o grupo de busca por terra.

Dean Jenicek, um patrulheiro voluntário de 37 anos com experiência na vida ao ar livre, conhecia bem a área. Começando pelo topo do Pico Kellogg, onde Andy fora visto pela última vez, Dean fez a volta no cume com dois labradores acompanhados de seu treinador. Avançaram pelos bosques, prestando atenção às cavidades das árvores. Então, abaixo do

e fazia sapatos.

cume, os cachorros começaram a farejar a neve, excitados.

O grupo parou enquanto os cachorros procuravam. Mas, quando nada surgiu, foram em frente. Nas horas seguintes, Dean e a equipe vasculharam a área e, por volta das 10h30, retornaram sem notícias à sede da estação. Outras equipes ainda estavam na montanha. No entanto, Dean não conseguia esquecer o farejar dos cães. Somente outra busca, desta vez nos terrenos situados fora dos limites, paralelos à fronteira sul, poderia acalmar sua mente. Enquanto os cães descansavam, Dean retornou com outro voluntário, Gary Yergler.

Os dois passaram a maior parte da tarde subindo, escavando e desbravando a neve espessa. A certa altura, no meio do caminho no lado sul da montanha, chegaram a uma trilha profunda. Teria sido feita por um ser



A família Zeller reunida. A partir da esquerda: Jeffrey, Andy, Jake e Eileen.

humano ou por um animal? Finalmente, viram algo que fez seus corações disparar: uma pegada de bota de esqui apontando para a descida.

NAQUELA MANHÃ de sexta-feira, à primeira luz do dia, Andy sacudiu vários centímetros de neve de sua cama improvisada. Estava com fome e sede, e ainda com um frio desesperador. Sabia que não podia comer nem beber a neve porque isso abaixaria sua temperatura corporal de forma perigosa, como aprendera com os escoteiros. A melhor estratégia no momento era sair daquele fundo do córrego e ir para a clareira, tornando-se visível para qualquer um que pudesse estar à sua procura.

Ele se lembrava de uma clareira mais acima na encosta. E se subisse até lá? Ao sair do meio das árvores, afundou na neve até o pescoço. Usando o bastão de esqui, cortou degraus nos montes de neve. Era um

trabalho estafante. As horas passavam, e o tempo todo ele se esforçava para não entrar em pânico.

Enquanto isso, Dean e Gary tentavam sem sucesso fazer contato pelo rádio com o centro de buscas. Discutiram o que fazer. Levariam muito tempo para voltar ao centro e, pela pe-

gada de bota que tinham visto, o rapaz podia estar perto.

“Temos alguma luz ainda”, disse Dean. “Precisamos tirá-lo daqui antes de escurecer.” Seguiram o rastro até a bacia, arrastando-se entre os arbustos. Os rastros levavam a uma estrada abandonada e de volta ao desfiladeiro. Encontraram lugares onde Andy poderia ter aberto caminho e caído no córrego. Então, num bosque, encontraram a cama de ramos. O rapaz passara a noite ali. “Andy Zeller! Andy!”, gritaram diversas vezes.

A trilha acompanhava a descida do rio. Dean e Gary seguiram os rastros até terminarem junto às paredes do desfiladeiro, que haviam se tornado íngremes demais. Pegadas se espalhavam aqui e ali. Os homens não conseguiam decidir a direção que o rapaz havia tomado – e a luz estava diminuindo.

Depois de tantas horas de esforço, os dois homens estavam exaustos, molhados de suor e esfriando rapidamente. Com relutância, Dean e Gary decidiram voltar e recomeçar

pela manhã. Mais uma vez gritaram por Andy, ansiosos por uma resposta. “Andy! Andy Zeller!” Não havia som, apenas um silêncio sinistro e inquebrável.

ANDY ENFIM alcançara a beira da clareira e estava afundado até as axilas. Cada passo adiante era uma luta. Então, ao puxar uma perna para fora da neve, a bota de esqui ficou presa – e no ar congelante estava seu pé, coberto apenas por uma meia de lã úmida. Em desespero, Andy desenterrou a bota. Recostado numa árvore para se equilibrar, tentou em vão enfiar o pé dentro da bota de novo.

Um pouco mais tarde, um pequeno avião voou acima dele, tão baixo que Andy pôde ler os números nas asas, mas logo desapareceu. Atordoado e descrente, Andy se esforçou para ouvir. O som deu lugar a um silêncio entristecedor. *Pelo menos sei que estão procurando por mim, pensou. Se estão no ar, estão em terra também.*

Suas mãos eram inúteis agora e seu pé exposto estava dolorido e inchado. Abandonou a bota e rastejou até a clareira, na esperança de que o avião voltasse. Estava exausto, lutando para se manter aquecido.

Chega. Vou ficar aqui, decidi. Vou fazer uma gruta na neve. Incapaz de ficar de pé, cavou a encosta do lugar em que estava sentado. Logo alcançou o nível do solo. A gruta era pequena e rasa, mas era o melhor que podia fazer. Ia sentar-se e esperar. E rezar.

A luz diminuiu enquanto ele dor-

mia e acordava. Sonhou que caçava coelhos a fim de fazer sapatos para seus pés congelados. Enquanto o vento uivava e a temperatura caía, a busca era suspensa pela segunda noite. Alguns noticiários já davam Andy como morto.

NAS HORAS anteriores ao amanhecer de sábado, Shawn Cross, instrutor da escola de sobrevivência da Base Aérea de Fairchild, em Spokane, chegou ao estacionamento de Silver Mountain. Trazia consigo três colegas da escola. Shawn vinha acompanhando pela TV a história do rapaz desaparecido desde a quinta-feira. Enquanto os homens descarregavam o carro, uma mulher se aproximou.

– Com licença – disse ela. – Vocês são da Força Aérea?

– Somos – respondeu Shawn.

Eileen Zeller olhou-os nos olhos. Estava inquieta, quase sem dormir desde que ela, o marido e Jake haviam chegado à montanha. E pediu:

– Por favor, encontrem meu filho.

– Nós vamos encontrá-lo – disse Shawn.

Naquela manhã, Andy havia acordado e tentado ficar de pé. Seu corpo não respondeu. Os braços estavam sem força, o corpo, esgotado pelo esforço de permanecer vivo. Com fome, frio e debilitado, só conseguiu se sentar. A neve tinha diminuído. *Estou vivo, pensou. Vivo.*

Começou a ver cores esquisitas, ouvir assobios e canções estranhas.

E percebeu que alguém estava chamando seu nome. De perto.

MEIA HORA após o início da busca de sábado, depois que Dean os levara ao local onde as pegadas foram encontradas, Shawn e sua equipe viram uma trilha na neve. *Tinha de ser fresca*, pensou Shawn. Enquanto cavava para examiná-la, seu rádio estalou. Era Dean, que liderava outro grupo de busca nas proximidades. Apresando-se em direção a eles, Shawn viu um par de pegadas de botas à direita. Mas à esquerda havia uma série desconcertante de pequenos buracos na neve. Os homens ficaram animados, gritando uns para os outros. De repente, um deles hesitou: “Ei, vocês estão ouvindo?”, perguntou.

Todos pararam e escutaram. Ao longe, ouviram um pedido de socorro. Shawn examinou a encosta com binóculos. Várias centenas de metros acima, avistou uma figura sentada na neve, gritando por socorro.

Dean foi o primeiro a chegar a Andy. O menino estava imóvel mas relativamente lúcido. O pé sem a bota de esqui parecia muito congelado. Com o grupo reunido à sua volta, Andy disse que ouviu as vozes, mas pensou que estava tendo alucinações. “Vocês são reais?”, perguntou.

Avaliando o estado do rapaz, os homens perceberam que teriam de carregá-lo. Tiraram suas roupas congeladas e o vestiram com roupas secas e quentes. Deitaram-no num saco de dormir e o envolveram num poncho emborrachado. Seguindo a rota que Dean trilhara na véspera, arrastaram Andy para fora da floresta. Seis horas e quatro quilômetros e meio depois, a equipe, exausta, chegou a uma estrada, onde dois *snowmobiles* aguardavam. Quando a luz do dia começou a diminuir, Andy foi levado para uma ambulância.

Os ZELLERS ficaram emocionados com o resgate. “Eu pulava o tempo todo. Foi inacreditável”, disse Eileen. Embora a princípio os médicos temessem que Andy perdesse ambas as pernas por causa da gangrena, ele acabou não perdendo um único dedo. Sua recuperação deveu-se, em parte, ao trabalho do Dr. Frederick S. Cramer, que usou medicina hiperbárica - oxigênio sob alta pressão - para tratá-lo.

As pernas de Andy serão sempre sensíveis ao frio. “Todos os dias acordo, saio da cama e sinto a dor”, diz ele. “Aí me lembro de que estou vivo. A cada passo que dou, sei que não vou desistir.”

PERDA OU FUGA?

Uma vez, quando me perdi, pedi a um policial ajuda para encontrar meus pais. Perguntei a ele: “Acha que vamos encontrá-los?” Ele respondeu: “Não sei, garoto. São muitos esconderijos.”



Duas pessoas casadas vivendo juntas dia após dia é sem dúvida o milagre que o Vaticano ignorou.

BILL COSBY, *Love and marriage* (Doubleday)

Maternidade não é para mulher frágil. Sapos, joelhos ralados e insultos de meninas adolescentes não são para criaturas delicadas.

DANIELLE STEELE, *The gift of motherhood*

A idéia de ter filhos me encanta. Acho que é a minha vontade fundamental. RODRIGO SANTORO

Dar bom exemplo aos filhos só faz deixá-los mais constrangidos.

DOUG LARSON, *United Feature Syndicate*

Quem disse?

A vida é um riacho. Se deixar entulho, fica tudo entupido.

- a) Luma de Oliveira
- b) Wanderléa
- c) Sônia Braga

VEJA A RESPOSTA ABAIXO

Tive grandes amigos, sabe? Acho que isso é muito importante. Porque há pessoas que não se devem conhecer nem de vista, e outras que realmente é uma perda incrível não ter conhecido.

IBERÊ CAMARGO

em *Memórias do presente: 100 entrevistas do Mais*, organização de Adriano Schwartz (Publifolha)

Por que coisa eu cantaria se tivesse tudo?

DAVE MATTHEWS, "If I had it all"

Acho que, se o casal consegue atravessar a reforma da casa, pode passar o resto da vida junto.

JENNIFER ANISTON

em *The Ellen DeGeneres Show*

Filho faz a maioria das pessoas crescer ao menos um pouco.

MADONNA

Criatividade vem de um conflito de idéias.

DONATELLA VERSACE

\$ Pagamos R\$ 50 por frases de pessoas famosas contemporâneas (página 30).